

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E ESTRATÉGIAS DE ENSINO

ALBERTO ALEXANDRE ALVES GUERRA

Universidade Cidade de São Paulo. E-mail: alexandreguerraprofessor@gmail.com

MARLY DOS SANTOS ALVES

Universidade Estadual do Ceará. E-mail: alves.marly2010@gmail.com

Introdução

O presente estudo tem como tema formação de professores: práticas pedagógicas e estratégias de ensino. Em seu contexto apresentamos como problemática discutir se a formação dos professores interfere e/ou influenciam em suas praticas pedagógicas e no uso de estratégias de ensino.

A formação de professores é um dos temas mais amplos da área educacional cuja amplitude proporciona diversas discussões envolvendo os atores que dela fazem parte: professores, instituições, alunos, sociedade e sistemas. Já que a formação docente está diretamente ligada à prática pedagógica e a saberes docentes que devem visar à melhoria do processo ensino aprendizagem.

A qualidade da formação do docente vem se convertendo em questão de interesse crescente no meio acadêmico. A preocupação pela qualidade do ensino vem assumindo uma significativa relevância no âmbito da academia. A formação docente, a prática pedagógica, os resultados do ensino vem sendo objeto de estudo e pesquisas por profissionais comprometidos com a melhoria da qualidade do ensino e com a profissionalização docente.

De acordo com Tardif (2002),

... o professor necessita desenvolver saberes pessoais, provenientes da formação escolar e profissional, dos programas e livros didáticos e da sua própria experiência, a fim de realizar uma prática educativa que tenha como resultados o desenvolvimento, nos estudantes, da autonomia, das rela-

ções inter-pessoais, ou seja, de aprendizagens significativas para si e para modificar a realidade na qual estão inseridos (TARDIF, 2002, p.54).

O presente estudo tem como objetivo empreender algumas reflexões sobre a formação docente a prática pedagógica e o uso das estratégias de ensino e recursos auxiliares do processo ensino aprendizagem.

Para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se como recurso metodológico, a pesquisa bibliográfica, realizada a partir da análise de materiais já publicados na literatura.

O texto final foi fundamentado nas ideias e concepções de autores como: Tardif (2002), Romanelli (1998), Zabala (1998), Anatsiou.

Formação de Professores, Prática Docente e Estratégias de Ensino

A qualidade da prática docente é tema corrente nos meios acadêmicos, resultando em discussões acaloradas que visam propor uma política mais específica de formação docente. Nesse sentido, vários estudos vêm sendo realizado por profissionais comprometidos com a melhoria da qualidade do ensino e com a profissionalização do docente, conseqüentemente, com o produto decorrente dele anunciando novos caminhos para a formação docente.

A discussão da ação docente centra-se no ensinar e no aprender. Ações essas que muitas vezes são consideradas e executadas como ações disjuntas, ocasionando comentário do tipo: “eu ensinei, o aluno é que não aprendeu”. Levando a crença de que ensinar é somente apresentar ou explicar o conteúdo numa exposição. Dessa forma é necessário buscar outras técnicas e/ou estratégias de ensino que sirvam como elementos essenciais para a competência docente.

Historicamente, sabe-se que o modelo jesuítico, presente desde o início da colonização do Brasil pelos portugueses, apresentaram em seu manual, *Ratio Studiorum* datado de 1599, os três passos

básicos de uma aula: preleção do conteúdo pelo professor, levantamento de dúvidas dos alunos e exercícios para fixação, cabendo ao aluno à memorização para a prova (Romanelli, 1998). Nessa visão de ensino, a aula é o espaço em que o professor fala, diz, explica o conteúdo, cabendo ao aluno anota-lo para depois memorizá-lo.

É preciso distinguir quais ações estão presentes nos objetivos que estabelecemos ao ensinar. Se o objetivo for apenas do aluno receber a informação, bastará passá-la por meio de exposição oral. No entanto, se o objetivo se refere à apropriação do conhecimento pelo aluno, é preciso se reorganizar, superando o aprender, que tem se resumido em processo de memorização, na direção do apreender, na aquisição de habilidades e competências essenciais ao processo ensino aprendizagem.

Ensinar indica uma prática social complexa efetivada entre os sujeitos, professor e aluno, englobando tanto a ação de ensinar quanto a de apreender, em um processo contratual, de parceria deliberada e consciente para o enfrentamento na construção do conhecimento, decorrente de ações efetivadas na sala de aula e fora dela. Trata-se de uma ação de ensino da qual resulta a aprendizagem do estudante, superando o simples dizer do conteúdo por parte do professor. Desse modo o trabalho do professor só pode ser desenvolvido em sua totalidade.

Existe uma relação entre o processo de apreensão e o tipo de conteúdo trabalhado pelo professor. Zabala (1998) diferencia na aprendizagem as características de quatro tipos de conteúdos: 1) Conteúdos factuais referem-se a conhecimentos de fatos, acontecimentos, situações, fenômenos concretos e singulares, às vezes menosprezados, mas indispensáveis, e cuja aprendizagem é verificada pela reprodução literal; 2) Conteúdos procedimentais representam um conjunto de ações ordenadas e com um fim, incluindo regras, técnicas, métodos, destrezas e habilidades, estratégias e procedimentos, verificados pela realização das ações dominadas pela execução múltipla e tornadas conscientes pela reflexão sobre a pró-

pria atividade; 3) Conteúdos atitudinais que podem ser agrupados em valores, atitudes e normas, verificados por sua interiorização e aceitação, o que implica conhecimento, avaliação, análise e elaboração; 4) Aprendizagem de conceitos e princípios possibilita a elaboração e construção pessoal, nas interpretações e transferências para novas situações.

A seleção de diferentes estratégias de ensino a serem utilizadas em sala de aula pelo professor deve estar de acordo com o plano de ensino, onde se encontra registrado o conteúdo pretendido para uma etapa do curso.

O plano de ensino tem como foco a aprendizagem do aluno, para qual é dirigida à análise do processo, a definição dos objetivos, a organização dos conteúdos, a escolha metodológica para mobilizar, construir e elaborar a síntese e avaliar as aprendizagens efetivadas.

Um dos grandes desafios do professor é o de selecionar, os conteúdos, os conceitos e as relações, ou seja, a rede pretendida, composta por elementos a serem apreendidos.

Para Anastasiou (2004) os meios ou processos que habitualmente o professor utiliza na sala de aula para seu trabalho recebem várias denominações:

1) Estratégia, do grego *strategía*, é a arte de aplicar ou explorar os meios e condições favoráveis e disponíveis, com vistas à consecução de objetivos específicos; 2) Técnica, do grego *technikós*, relativo à arte refere-se à arte material ou ao conjunto de processos de uma arte, maneira, jeito ou habilidade especial de executar ou fazer algo; 3) Dinâmica, do grego *dynamikos*, diz respeito ao movimento e às forças, ao organismo em atividade ou, ainda, à parte da mecânica que estuda os movimentos (ANASTASCIU, 2004, p. 68-69).

As estratégias visam à consecução de objetivos, portanto, ao fazer uso delas deve-se ter clareza sobre onde se pretende chegar naquele momento. Por isso, os objetivos que o norteiam devem estar claros para os sujeitos envolvidos – professores e alunos.

Ainda hoje existe uma predominância entre os docentes universitários pelas aulas expositivas ou palestras, uma estratégia funcional para a passagem de informação, o que leva os alunos a esperarem do professor a contínua exposição dos assuntos a serem aprendidos.

Hoje inúmeros docentes estão incluindo inovações na dinâmica da aula, entre elas está a organização espacial da sala de aula utilizando a organização em forma de círculos. Além disso, a memorização, utilizada ao longo da história, passa a ser substituída por: trabalhos coletivos, aulas práticas, socialização de experiências, estudos de caso e outros.

Todo professor precisa fazer uso de estratégias de ensino, para auxiliá-lo no manejo da sala de aula. Anastasiou (2004, p. 79-99) apresenta um leque de estratégias que podem ser utilizadas pelo professor para facilitar o processo ensino aprendizagem dos alunos, são elas:

- 1) Aula expositiva dialogada – estratégia proposta para superar a tradicional palestra docente. Conta com a participação do estudante, que terá suas observações consideradas, analisadas respeitadas, independentemente da procedência e da pertinência delas, em relação ao assunto tratado. Com a participação contínua dos estudantes fica garantida a mobilização, e são criadas as condições para a construção e a elaboração da síntese do objeto de estudo;
- 2) Estudo de texto – utilizado para momentos de mobilização, de construção e de elaboração de síntese. A definição do texto dependerá do objetivo que professores e alunos têm para aquela unidade de estudo. A escolha de um material que seja acessível ao aluno e ao mesmo tempo em que vá desafiá-lo, assim, como o acompanhamento do processo pelo professor, é condição de sucesso nessa estratégia;
- 3) Portfólio – possibilita o acompanhamento de construção do conhecimento do docente e do discente durante o próprio pro-

cesso e não apenas ao final deste. Exige do professor um alto grau de organização, no sentido de acompanhar as produções/manifestações, escritas dos alunos. Aponta para um conceito diferenciado de tempo e espaço, de construção e reconstrução, de avaliação e nota. Dentre as inúmeras atividades que a prática pedagógica coloca à disposição para a sala de aula, o portfólio é o mais completo: propicia ao professor verificar de forma imediata as dificuldades apresentadas pelo estudante e propor soluções para sua superação. Além do mais, é um processo individual que permite a cada um crescer de acordo com suas necessidades e condições;

- 4) Tempestade cerebral – é vivida pelo grupo de alunos de uma mesma sala de aula, com participações individuais, realizada de forma oral ou escrita. Pode ser estabelecido com diferentes objetivos, devendo a avaliação se referir a eles. Utilizada como mobilização, desperta nos alunos uma rápida vinculação com o objeto de estudo; pode ser utilizada no sentido de coletar sugestões para resolver um problema do contexto durante o processo de construção, possibilitando ao professor retomar a teia de relações e avaliar a criatividade e a imaginação, assim, como os avanços do aluno sobre o assunto em estudo;
- 5) Mapa conceitual – a construção do mapa pode ser feita ao longo de todo um semestre ou se referir apenas a uma unidade de estudo, tema, problema. O fundamental é a identificação dos conceitos básicos e das conexões entre esses conceitos e os deles derivados: isso leva à elaboração de uma teia relacional. Ao se confrontarem os mapas construídos individualmente e/ou em grupos, os alunos percebem que as conexões podem se diferenciar o que não acarreta prejuízo, e sim amplia o quadro perceptivo do grupo. Esta estratégia serve ao professor como ferramenta para acompanhar mudanças na estrutura cognitiva dos alunos e para indicar formas diferentes de aprofundar os conteúdos;

- 6) Estudo dirigido – exige a identificação dos estudantes que dela necessitam para complementar aspectos não dominados do plano de ensino pretendidos. Pode então se direcionar a temas, problemas e focos específicos do objeto de estudo, referindo-se a aspectos pontuais e sobre os quais já se evidenciaram, com outros grupos de trabalho, dificuldades a serem retomadas. Possibilita aos alunos estudos específicos do conteúdo em defasagem, desenvolve a reflexão, individual ou coletiva, dos aspectos pontuais não dominados anteriormente;
- 7) Lista de discussão por meios informatizados – é utilizada para aprofundamento de objetos de estudo, tornando-se uma estratégia própria da construção e de elaboração de sínteses contínuas. O tema é estabelecido coletivamente, ou proposto pelo professor a partir do caminho já iniciado pelo grupo, podendo os alunos participar com perguntas ou respostas completas e/ou parciais, elaborações de novos elementos conceituais ou confirmação dos já construídos, adesões e divergências, cabendo ao professor um acompanhamento do processo;
- 8) Solução de problemas – trabalha com modelos a serem aplicados distintamente a situações propostas pelo professor. Seu acompanhamento e avaliação seguem o modelo da racionalidade, associado ao desenvolvimento de atitudes. Para além dele, o uso dessa estratégia tem visado ao desenvolvimento do pensamento reflexivo, crítico e criativo dos alunos para situações e dados da realidade. Os alunos mantem-se mobilizados, a buscar e aplicar os conhecimentos construídos na direção da solução e na elaboração da síntese, uma vez que está diretamente interessado na resposta ou solução para a situação. A estratégia de resolução de problemas contempla as categorias presentes nos processos de construção do conhecimento quando estimula ou amplia a significação dos elementos apreendidos em relação à realidade ou área profissional. Exige uma constante continuidade e ruptura, no levantamento e na análise dos dados e na

busca e construção de diferentes alternativas para a solução. Possibilita a práxis reflexiva e perceptiva, a problematização – cerne e centro da própria atividade –, a criticidade na identificação da solução e a totalidade, pois tudo está interligado e mutuamente dependente;

- 9) Phillips 66 – pode ser utilizada com classes numerosas, pois os alunos são agrupados em número de seis, e durante 6 minutos trabalham no levantamento de questões ou fechamento de um tema e têm mais 6 minutos para a socialização. Permite excelente feedback ao professor a respeito de dúvidas dos estudantes sobre um assunto estudado ou em discussão; 10) Grupo de verbalização e de observação (GV/GO) – também pode ser utilizada quando o número de alunos é elevado, com a subdivisão dos grupos em GO e GV. Na construção do conhecimento, essa dinâmica dá melhores resultados se utilizada para o momento de síntese, pois exige dos participantes inúmeras operações de pensamento, tais como: análise, interpretação, crítica, obtenção e organização de dados, comparação, resumo observação, etc. Essas operações não são simples, exigindo do professor e do aluno um envolvimento que antecede a realização da própria estratégia com a realização de busca de informações por meio de leituras de livros, revistas e/ou internet, conforme o problema em questão;
- 11) Dramatização – é uma estratégia que tem várias finalidades. Possibilita o desenvolvimento da empatia, isto é, a capacidade de os alunos se colocarem imaginariamente em um papel que não seja o seu próprio. Traz à sala de aula um pedaço da realidade social, de forma viva e espontânea, para ser observada e analisada pelos alunos. Desenvolve a criatividade, a desinibição, a inventividade e a liberdade de expressão;
- 12) Seminário – os alunos precisam ter clareza prévia dos diversos papéis que desenvolverão durante toda a dinâmica dos trabalhos. Enquanto os grupos podem apresentar suas sínteses

- também por escrito, o professor precisa, além de fazer o fechamento após a apresentação de cada grupo, realizar síntese integradora ao final de todas as apresentações, a fim de garantir o alcance de todos os objetivos propostos para o seminário;
- 13) Estudo de caso – oportuniza a elaboração de forte potencial de argumentação com os alunos e refere-se tanto ao momento de construção do conhecimento como da síntese. Os aspectos relacionados à mobilização para o estudo são determinantes para o envolvimento de todos no estudo e na busca de solução do caso proposto. O caso deve estar incluído no contexto de vivência do estudante, ou em parte de uma temática em estudo. Quanto mais desafiador for o assunto, maior a possibilidade de manter os alunos envolvidos;
 - 14) Júri simulado – leva em consideração a possibilidade da realização de inúmeras operações de pensamento, como: defesa de idéias, argumentação, julgamento, tomada de decisão, etc. Sua preparação é de intensa mobilização, pois além de ativar a busca do conteúdo em si, os aparatos de outro ambiente (roupas, mobiliário ...) oportunizam um envolvimento de todos para além da sala de aula;
 - 15) Simpósio – é uma estratégia que possibilita a ampliação do conhecimento, tendo em vista que ao se subdividirem os conteúdos, para serem mais bem estudados, terão na sua apresentação múltiplos olhares, enriquecendo o tema gerador. Ele tem efeito multiplicador. O número de alunos envolvidos não é predeterminado, pois quanto maior a quantidade de grupos mais subtemas poderão ser explorados;
 - 16) Painel– como estratégia de trabalho em sala de aula pode ser utilizada em muitas situações. Como ele envolve mais pessoas discutindo entre si, tornam-se mais interessantes para os alunos do que ouvir a exposição feita por uma só pessoa;
 - 17) Fórum – se bem planejado, pode ser útil na construção do conhecimento, especialmente para os momentos de síntese. Exi-

ge imensa preparação prévia por parte dos alunos na busca de leituras, filmes, fatos, visitas, etc. carecendo de uma profunda mobilização. O espaço entre a preparação do fórum e sua efetivação não pode ser muito longo, correndo-se o risco de enfraquecer a dinâmica e empobrecer o alcance dos objetivos. É preciso dar atenção às temáticas ou problemas escolhidos para essa estratégia, garantindo a participação de todos nos diversos momentos trabalhados;

- 18) Oficina (laboratório ou workshop) – caracteriza-se como uma estratégia pedagógica em que o espaço de construção e reconstrução do conhecimento são as principais ênfases. Pode-se lançar mão de músicas, textos, observações diretas, vídeos, pesquisas de campo, experiências práticas, enfim, vivenciar idéias, sentimentos, experiências, num movimento de reconstrução individual e coletiva;
- 19) Estudo do meio – possibilita aos envolvidos – professor e alunos – uma revisão, um refletir sobre os dados da teoria que fundamentam o objeto de estudo. Possibilita também a vinculação do aluno à realidade, uma discussão dos elementos teóricos que ainda respondem aos problemas e dos que já se encontram superados;
- 20) Ensino como pesquisa – oferece condições para que os estudantes adquiram maior autonomia, assumam responsabilidades, desenvolvam disciplina, tomada como habilidade de se manter o tempo necessário na busca da solução de problemas até o esgotamento das informações, com treino de trabalho intelectual a ser supervisionado pelo professor.

Considerações Finais

Inicialmente é importante destacar que a formação docente também se constitui no conjunto dos saberes da formação profissional os conhecimentos pedagógicos relacionados às técnicas

e métodos de ensino (saber-fazer), legitimados cientificamente e igualmente transmitidos aos professores ao longo do seu processo de formação (TARDIF, 2002, p. 63).

Assim, conclui-se que a formação docente influencia na prática pedagógica utilizada em sala de aula. Dependendo da formação do docente será mais fácil a utilização de estratégias que proporcionem uma aprendizagem mais significativa para os alunos e assim, dinamizar o processo ensino aprendizagem.

Portanto, a prática pedagógica do professor aliada ao uso de estratégias de ensino tem caráter instrumental e intermedia relações entre professor e aluno, e entre aluno e aluno. Isso significa afirmar que elas são mediações, ou condições necessárias e favoráveis, mas não suficientes, do processo didático.

É importante destacar que as estratégias de ensino são sempre meios, nunca fins, têm um caráter de subordinação aos fins. Devem ser utilizadas pelo professor de forma consciente e permeadas pela intencionalidade.

Ao trazer estas reflexões para o presente estudo, intencionou-se fazer com que os professores, principalmente do ensino superior, reflitam sobre algumas questões relativas à concepção de que as estratégias de ensino estão destinadas ao professor e que elas podem auxiliar o trabalho docente favorecendo a dinâmica do processo ensino aprendizagem.

Finalizando, as estratégias quando empregadas numa situação de relação aberta entre professor e aluno, e entre aluno e aluno, permeadas pela intencionalidade, deixando de dar ênfase à ação docente para propiciar a participação do aluno, constituem-se como um espaço pedagógico favorável ao desenvolvimento de habilidades e competências.

Enfim, modificar a dinâmica das aulas, apresentar alternativas de melhorias, é sempre um passo importante para se acertar o caminho para a tão desejada qualidade da educação esperada por tantos no Brasil.

Referências Bibliográficas

- ANASTASIOU, L.G.C. *Metodologia do ensino superior: da pratica docente a uma possível teoria pedagógica*. Curitiba: IBPEX, 1998.
- CANDAU, Vera M. *A didática em questão*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- MASETO, M.T. *Competência pedagógica do professor universitário*. São Paulo: Summus, 2003.
- ROMANELLI, Otaiza O. *Historia da educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- TURRA, Clodia M. G. *Planejamento de ensino e avaliação*. Porto Alegre: DC Luzzatto, 1993.
- VASCONCELOS, Celso dos Santos. *Construção do conhecimento em sala de aula*. São Paulo: Libertad, 1994.
- VEIGA, Ilma P. A. *Técnicas de ensino: novos tempos, novas configurações*. Campinas: Papirus, 2006.
- ZABALA, Vidiella Antoni. *A pratica educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.